

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

LUIS PEDRO RIBEIRO RODRIGUES

NÓS E EU:
Um debate sobre cooperativismo
Documentário

NITERÓI, RIO DE JANEIRO
2016

LUIS PEDRO RIBEIRO RODRIGUES

Nós e eu: um debate sobre cooperativismo
Documentário

Projeto Experimental apresentado como trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social: habilitação em jornalismo) na Universidade Federal Fluminense. O trabalho tem como objetivo evidenciar o cooperativismo e nutrir o debate sobre esse meio, a partir de depoimentos de associados.

Orientador: Guilherme Lima.

NITERÓI, RIO DE JANEIRO

2016

LUIS PEDRO RIBEIRO RODRIGUES

NÓS E EU:
Um debate sobre cooperativismo
Documentário

BANCA EXAMINADORA

Aprovada em: ___/___/___.

Profº. Guilherme Lima (orientador)

Profª. Renata Resende

Profº. Márcio Castilho

NITERÓI, RIO DE JANEIRO

2016

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores da UFF e suas provocações que sempre visaram à formação crítica.

Aos meus amigos da faculdade que dividiram comigo experiências nesses quatro anos.

A todos os amigos que conheci durante o desenvolvimento desse documentário e colaboraram para a sua realização, impulsionados pela solidariedade e cooperação.

A todos que me convidaram para entrar em suas casas e dedicaram um tempo contando um pouco de suas vidas e visões de mundo. Saí mais rico.

RESUMO

Nós e eu: um debate sobre cooperativismo é um documentário de 17 minutos, constituído por depoimentos de associados de cooperativas do Estado do Rio de Janeiro. A terceirização, o aumento de tarefas, o encurtamento do tempo para realizá-las e a intensificação da competitividade, além do desemprego massivo e das doenças provenientes disso, oprimem o trabalhador contemporâneo. Nessa falta de perspectiva, o cooperativismo surge como uma possível saída. Dividido em cinco capítulos, o documentário busca entender, nas falas dos próprios associados, o mundo do cooperativismo, suas potencialidades e dificuldades.

Palavras-chave: cooperativismo; associação; trabalho; sociedade; modernidade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
2.1 – Cenário mundial	7
2.2 – Cooperativismo	9
3. PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO	
3.1 – Gênero do filme	11
3.2 – Produção	12
3.3 – Roteiro, Edição e Finalização	15
4. CONCLUSÃO	17
REFERÊNCIAS	18

1. INTRODUÇÃO

A motivação para a realização deste documentário surgiu da desesperança com o mercado de trabalho. As possibilidades difundidas hoje são duas: ou se submeter à dinâmica do trabalho vertical, via patrão-empregado, ou apostar no empreendedorismo, tão exaltado. O que desperta atenção – e desconfiança – é que o cooperativismo é pouco falado. A associação de trabalhadores na condução de uma cooperativa raramente é posta como uma possibilidade para o jovem que quer se inserir no mercado de trabalho. Devido a isso, o documentário *Nós e eu: um debate sobre cooperativismo* visa mostrar o cooperativismo como uma ferramenta capaz de proporcionar aos trabalhadores uma vida plena, financeira e socialmente.

As mudanças sociais podem vir através das noções apreendidas na prática do cooperativismo e seus valores intrínsecos, sustentadas pelo conceito de *corporificação*, o processo de moldação de um comportamento social a partir de um comportamento físico. O cooperativismo pode ensinar muito à sociedade individualista. O sociólogo norte-americano Richard Sennett, no livro *Juntos - Os Rituais, Os Prazeres e a Política da Cooperação*, vai dizer que “o trabalho do artesão com a resistência física esclarece o desafio do trato com resistências e diferenças sociais” (2013, p.241). O autor ainda acrescenta: “As aptidões físicas quando se trata de fazer e consertar simplesmente aguçam percepções a respeito das relações sociais. O processo de reforma social pode se dar aplicando à sociedade experiências feitas no interior de oficinas” (2013, p.242). São valores do cooperativismo a solidariedade, a inclusão e a tolerância.

Outra proposta do filme é promover a troca de experiências e fomentar o debate sobre o cooperativismo e o seu papel entre as próprias cooperativas e seus associados. Muitos podem reconhecer as suas dificuldades e os seus dilemas nas falas dos associados entrevistados. Assim, juntos, podem buscar saídas melhores e mais eficazes para os problemas que enfrentam. Apenas através do exercício de pensar é que encontramos soluções; e elas só aparecem, quando precedidas do debate público. Enfim, para alcançar isso, os cidadãos precisam reaprender o sentido de comunidade e a participar de diálogos dialógicos.

“Poderia a comunidade em si mesma tornar-se uma vocação?” (2013, p.328), provoca Sennett.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 – Cenário mundial

O atual cenário do mercado de trabalho ainda é marcado por situações degradantes e injustas. Segundo a previsão da Organização Internacional do Trabalho (OIT), até 2017 haverá mais de três milhões de desempregados a mais no mundo¹. Em 2015, o Ministério Público Federal no Brasil (MPF) ainda denuncia casos de trabalho escravo pelo país². Como consequência desse mal-estar da civilização, sintetizado na insegurança do mercado de trabalho e na falta de perspectivas de construção de uma carreira profissional sólida, a Organização Mundial de Saúde (OMS) informa que a depressão é a doença que mais incapacita as pessoas no mundo³. Cenário semelhante ao denunciado por Karl Marx e Friedrich Engels, no *Manifesto do Partido Comunista*, escrito em 1848:

A indústria moderna transformou a pequena oficina do mestre patriarcal na grande fábrica do capitalista industrial. Massas de operários, reunidas na fábrica, são organizadas em exércitos. São colocados, como soldados rasos industriais, sob a vigilância de uma hierarquia completa de sargentos e oficiais. Não são apenas servos da classe burguesa, do Estado burguês; dia a dia, hora a hora, são feitos servos da máquina, do encarregado, e, sobretudo, de cada um dos próprios burgueses fabricantes. Esse despotismo é tanto mais mesquinho, mais odioso, mais exasperante, quanto mais abertamente proclama ser o lucro a sua finalidade. (1848, p. 70)

Na história das lutas de classes, que, afinal, é “a história de toda a sociedade até hoje”, segundo os dois filósofos (1848, p. 60), o trabalhador continuou sendo oprimido nos dois séculos seguintes. Mas não sem mudanças. Mais uma vez, Marx e Engels profetizaram: “a burguesia não pode existir sem revolucionar permanentemente os instrumentos de produção, por conseguinte as relações de produção, e, desse modo, todas as relações sociais” (1848, p. 65). Segundo o sociólogo Zygmunt Bauman, estamos agora na modernidade líquida, a sociedade onde tudo é líquido e efêmero, o capital não encontra mais barreiras em sua movimentação constante, e os laços sociais tem validade pequena: toda forma de apego e afeto são vistas com temor, o que importa é sentir-se livre, sem compromissos, mesmo que

¹ Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-01/oit-preve-que-o-mundo-tera-34-milhoes-de-desempregados-mais-ate-2017>.

² Fonte: <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/08/mpf-ja-denunciou-19-pessoas-por-trabalho-escravo-no-para-em-2015.html>.

³ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2014/12/1563458-depressao-ja-e-a-doenca-mais-incapacitante-afirma-a-oms.shtml>.

para isso tenha que desconsiderar relações sociais complexas e afetuosas. Bauman descreve essa condição assim:

O novo atributo da volatilidade fez de todo compromisso, especialmente do compromisso estável, algo ao mesmo tempo redundante e pouco inteligente: seu estabelecimento paralisaria o movimento e fugiria da desejada competitividade, reduzindo *a priori* as opções que poderiam levar ao aumento da produtividade. As bolsas de valores e diretorias administrativas em todo o mundo estão prontas para premiar todos os passos dados na 'direção certa', como 'emagrecer' e 'reduzir o tamanho', e a punir com a mesma presteza qualquer notícia de expansão de equipe, aumento de emprego e envolvimento da empresa em projetos custosos de longo prazo. (2000, p. 189).

A terceirização, o aumento de tarefas, o encurtamento do tempo para realizá-las e a intensificação da competitividade, além do desemprego massivo e das doenças provenientes disso, abordados no início deste capítulo, prejudicam a vida do trabalhador; são estorvos que, na luta de classes, devem ser superados.

Essas situações também são altamente hostis ao cooperativismo; as pessoas perderam a noção de laço social, que é essencial na união e no desenvolvimento de uma cooperativa. Tanto é que esse foi o maior obstáculo exposto nos testemunhos dos personagens entrevistados para o documentário: a dificuldade de fazer com que todos os associados de uma cooperativa sejam ativos e queiram participar de sua direção, já que ela pertence, em igual medida, a todos eles.

Para o produtor rural José Almeida de Oliveira, um dos associados entrevistados da Cooperativa de Produtores de Café do Noroeste Fluminense (Coopercanol), isso se dá por causa de uma cultura de individualismo e de curto prazo. Segundo ele, os associados inativos não se comprometem porque pensam no lucro rápido, preferem vender o que produzem para um atravessador, que pagará no ato da compra, do que somar-se aos outros cooperados e, assim, garantir a manutenção e a prosperidade da cooperativa. O pensamento de Zé vai ao encontro do que reflete Bauman: “a crença que costumava oferecer todas as razões necessárias para pensar à frente, agir em longo prazo e tecer os passos, um a um, numa trajetória cuidadosamente desenhada da vida transitória e incuravelmente mortal, perdeu muito de sua credibilidade” (2000, p.228).

Apesar de toda essa condição de isolamento que nos é imposto hoje, tanto afetivamente quanto no trabalho, a noção de comunidade, a habilidade de viver junto, ainda marca a essência do ser humano. “Os brutais simplificadores da modernidade podem reprimir ou distorcer nossa capacidade de viver juntos, mas não podem eliminá-la nem podem eliminar essa capacidade. Como animais sociais, somos capazes de cooperar mais profundamente do que imagina a atual ordem social” (2013, p.336), defendeu Sennett.

2.2 – Cooperativismo

Em 1844, 28 operários, a maioria tecelões, que trabalhavam no bairro de Rochdale, em Manchester, na Inglaterra, montaram um armazém no qual todos eram donos e onde podiam comprar alimentos mais baratos. Chamaram a iniciativa de Sociedade Equitativa dos Pioneiros de Rochdale. Assim, é marcada a história do cooperativismo no mundo moderno: com a associação de trabalhadores que tentaram, com êxito, combater a pobreza em que viviam na época e a realidade opressora e sufocante das fábricas.

Além do marco histórico, os associados da Sociedade Equitativa dos Pioneiros de Rochdale projetaram os famosos "Princípios de Rochdale", que orientam o cooperativismo até hoje. São esses os "Princípios de Rochdale", retirados do documento *Evolução do cooperativismo no Brasil*, elaborado pelo Departamento de Cooperativismo e Associativismo Rural (Denacoop), órgão do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, em 2006⁴:

- Adesão voluntária e livre: as cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas aptas a utilizar os seus serviços e a assumir as responsabilidades como membros, sem discriminações de sexo, sociais, raciais, políticas e religiosas.
- Gestão democrática e livre: as cooperativas são organizações democráticas, controladas pelos seus membros, que participam ativamente na formulação das suas políticas e na tomada de decisões. Os homens e as mulheres, eleitos como representantes dos demais membros, são responsáveis perante estes. Nas cooperativas de primeiro grau, os membros têm igual direito de voto (um membro, um voto); as cooperativas de grau superior são também organizadas de maneira democrática.
- Participação econômica dos membros: os membros contribuem equitativamente para o capital das cooperativas e controlam-no democraticamente. Parte desse capital é, normalmente, propriedade comum da cooperativa. Os membros recebem, habitualmente, se houver, uma remuneração limitada ao capital integralizado, como condição de sua adesão. E destinam os excedentes a uma ou mais das seguintes finalidades:
 - . desenvolvimento das suas cooperativas, eventualmente através da criação de reservas, parte das quais, pelo menos uma, será indivisível.

⁴ Fonte:

http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/Cooperativismo%20e%20Associativismo/Publica%C3%A7%C3%B5es%20e%20M%C3%ADdias/Evolu%C3%A7%C3%A3o%20do%20Cooperativismo%20no%20Brasil%20De%20nacoop%20em.pdf

- . benefício aos membros na proporção das suas transações com a cooperativa;
- . apoio a outras atividades aprovadas pelos membros.
- Autonomia e independência: as cooperativas são organizações autônomas, de ajuda mútua, controladas pelos seus membros. Se firmarem acordos com outras organizações, incluindo instituições públicas, ou recorrerem a capital externo, devem fazê-lo em condições que assegurem o controle democrático pelos seus membros e mantenham a autonomia da cooperativa
- Educação, formação e informação: as cooperativas promovem a educação e a formação dos seus membros, dos representantes eleitos e dos trabalhadores, de forma que estes possam contribuir, eficazmente, para o desenvolvimento das suas cooperativas. Informam o público em geral, particularmente os jovens e os líderes de opinião, sobre a natureza e as vantagens da cooperação
- Intercooperação: as cooperativas servem de forma mais eficaz os seus membros e dão mais força ao movimento cooperativo, trabalhando em conjunto, através das estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais.
- Interesse pela comunidade: as cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentado das suas comunidades através de políticas aprovadas pelos membros.

Nesse mesmo artigo, o ex-presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e da Aliança Cooperativa Internacional (ACI) Roberto Rodrigues informa que o cooperativismo hoje no mundo envolve cerca de 800 milhões de associados, e 2,4 bilhões de pessoas (40% da humanidade) ligadas de forma direta a esse meio, se contarmos com pelo menos três familiares ou empregados trabalhando juntos. O autor também menciona números da OCB sobre o Brasil, nos quais afirmam que no país há mais de seis milhões de filiados ao cooperativismo, e somando as pessoas que estão ligadas direta e indiretamente, são 18 milhões, ou aproximadamente, 10% da população brasileira.

3. PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO

3.1 – Gênero do filme

Acredito que o conhecimento produzido dentro do meio acadêmico deve romper os muros de onde foi desenvolvido e chegar ao maior número de pessoas possível. Não quero que o documentário *Nós e eu: um debate sobre cooperativismo* se limite a um trabalho de TCC, apresentado uma única vez à banca avaliadora, mas que seja assistido no meio cooperativista e também fora dele, e que cause alguma mudança. Não à toa pus a palavra debate em seu nome.

Pensando nessa condição, decidi desenvolver um produto audiovisual. Nesse formato, sites que funcionam como banco de vídeos, como o *youtube*, bastante populares e de fácil acesso, facilitariam o compartilhamento do filme.

Já a opção pelo formato documentário é devido à possibilidade de expor a realidade dos personagens e suas falas, de forma autêntica e dialógica. As imagens ajudam o espectador a compreender a cultura cooperativista, pelo ambiente de trabalho, em como se dá a divisão de trabalho e na relação entre os associados. O crítico de cinema e teórico norte americano Bill Nichols define como “documentário de representação social” (2001, p.26), filmes que “proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos” (2001, p.26). Esse é o objetivo do *Nós e eu: um debate sobre cooperativismo*: evidenciar o meio cooperativista e suas potencialidades, que já existem, e provocar a exploração desse meio por aquele que vão assisti-lo.

Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não-ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visíveis e audíveis, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. (NICHOLS, 2001, p.26)

Um documentário também tem a seu favor a informalidade; no caso do *Nós e eu: um debate sobre cooperativismo*, as respostas dos cooperados às provocações das perguntas são registradas instantaneamente, retirando qualquer forma de ensaio ou preparação prévia, e o ambiente de trabalho também não sofreu qualquer alteração durante as filmagens. Essa preservação da informalidade e autenticidade dos personagens e do local, durante a captação e na edição, se deu para que assim seja transmitida ao espectador. Segundo Nichols, a

interpretação do filme pelo espectador "é uma questão de compreender como a forma ou organização do filme transmite significados e valores" (NICHOLS, 2001, p.26).

É claro que, por mais natural que tenham sido as filmagens, a intervenção de quem filma é inquestionável: um desconhecido, com uma câmera na mão, altera o ambiente. Uma solução – ou pelo menos, uma tentativa –, foi filmar em planos-sequência longos, de 20 minutos – tempo máximo que a câmera filma cada plano –⁵, para que o entrevistado desenvolvesse sua linha de raciocínio à vontade, sem ser cortado, como em uma conversa autêntica e informal. Assim, foi criada uma relação maior com os personagens, semelhante ao conceito de *mise-en-scène*, do cineasta e teórico francês Jean-Louis Comolli.

Quando um plano dura, ele dói. As pessoas rapidamente se conformam em regular e ajustar sua própria emoção a essa duração, em não entregar tudo de uma vez, em brincar com ela, em presenciá-la. É isso que chamo de *mise-em-scène* deles. (...) A *mise-en-scène* é um fato compartilhado, uma relação. (COMOLLI, 2008, p.60)

Há também a maneira como o cineasta enxerga o meio, que é naturalmente seletiva. Segundo o sociólogo francês Pierre Bourdieu, “os jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (1997, p.25). Para que isso fosse minimizado, a produção e a edição do documentário se orientaram a partir da opção pelo debate e pelo método dialógico, para que o filme tivesse pluralidade de pontos de vista.

Por fim, a maneira como é apreendida a realidade pelo cineasta e, principalmente, a forma como ela é repassada aos espectadores e a interpretação destes não são isentas e imparciais. Talvez, a maior influência que causo no filme seja a partir da minha vontade de fazer com que aquele que vai assistir o documentário acredite na mensagem exposta: o cooperativismo. No entanto, preservei integralmente, como já afirmado, a autenticidade do ambiente e dos personagens, busquei opiniões divergentes e tentei, o máximo possível, deixá-los confortáveis com a minha presença e da câmera.

3.2 – Produção

O processo de produção do documentário começou em dezembro de 2015, com a leitura das referências bibliográficas, estendendo-se até janeiro de 2016. Os livros serviram de suporte teórico para entender o meio cooperativista e fazer as perguntas para os entrevistados. Serviu também de inspiração para a elaboração do pré-roteiro.

⁵ Câmera DSLR Nikon D5100.

No pré-roteiro, ficou decidido que o filme seria intercalado por falas de cooperados – visão mais prática do cooperativismo –, e de intelectuais que pensam sobre o tema – visão mais teórica do tema. Isso seria antecedido por *off*, explicando a história do trabalho na Modernidade, a fundação do movimento cooperativista moderno e as condições atuais de trabalho. O objetivo foi contextualizar o cooperativismo na contemporaneidade.

Juntamente com as leituras, teve também o processo de produção, que consistiu em pesquisar sobre: cooperativas e seus contatos, legislação brasileira relacionada ao cooperativismo e trabalhos acadêmicos, audiovisuais ou textuais, que abordassem o assunto. Nas buscas, descobri o trabalho da OCB/Sescoop - RJ, empresa privada que dá assistência técnica e jurídica às cooperativas do Estado do Rio de Janeiro. Ela funciona em nível nacional, e a sede fluminense fica na capital, na Avenida Presidente Vargas, 583, Centro.

Entrei em contato com algumas pessoas da empresa, explicando que desenvolvia um trabalho de TCC para a Universidade Federal Fluminense sobre o cooperativismo, e buscava mais informações sobre o meio. Fui convidado por eles a acompanhá-los em uma visita de trabalho a duas cooperativas: a Cooperativa de Produtores de Café do Noroeste Fluminense (Coopercanol), em Varre-Sai, que comercializa café, e a Cooperativa Agroindustrial do Estado do Rio de Janeiro (Coagro), em Campos dos Goytacazes, uma indústria de açúcar, com a condição de que a estadia seria custeada por mim e não poderia ir no carro da empresa. Aceitei.

A viagem aconteceu de 29 a 31 de janeiro. Funcionaria como um primeiro contato com as cooperativas, mas se deu bem mais que isso: na visita à Coopercanol, consegui gravar duas entrevistas: com o presidente da Coopercanol, José Ferreira Pinto, e um dos associados, José Almeida de Oliveira.

No final de semana seguinte, 5 a 7 de fevereiro, retornei, sozinho, à região noroeste do Estado. Dessa vez, à Natividade, com o objetivo de visitar à Cooperativa de Bordadeiras de Natividade (Bordadeiras de N'atividade), formada por mulheres que confeccionam peças artesanais de bordado. O contato se deu a partir da indicação da funcionária da OCB/Sescoop – RJ Sabrina Oliveira. Foram entrevistadas a presidente da cooperativa, Vânia Cristina de Medeiros, e uma das cooperadas, Alcione Gonçalves Vieira, além do ambiente de trabalho. A presidente da cooperativa também ajudou no contato com a Cooperativa dos Produtores e Agricultores Familiares do Noroeste Fluminense (Natcoop), que também funciona no município. Foram entrevistados o presidente, Zé Brás de Souza, e um associado, João Batista da Silva; as filmagens aconteceram na lavoura onde o segundo trabalha.

Os intelectuais, que estavam previstos no pré-roteiro, foram contatados até meados de fevereiro. Mas devido à dificuldade - quase que impossível - de estabelecer comunicação com eles, decidi mudar o pré-roteiro. Os principais entraves foram encontrar uma assessoria ou um telefone de contato do intelectual e conseguir agendar uma entrevista, por causa de outros compromissos deles. A solução foi trabalhar apenas com falas de cooperados. Para isso, surgiu a necessidade de entrevistar mais cooperativas. Através do auxílio de membros da OCB, uma entrevista com a Cooperativa de Trabalho Alternativo de Trabalhadores Ligados à Pastoral da Criança do Estado do Rio de Janeiro (Coop-Proalt) foi agendada para o dia 3 de março. A cooperativa funciona na zona rural do município de Volta Redonda, e produz a farinha multimistura e produtos orgânicos. Lá entrevistei a presidente, Luzinete de Jesus Nunes, e filmei o local de trabalho.

Por último, a partir de um contato pessoal, entrevistei o presidente da Cooperativa Constrói Fácil, Arnóbio Nóbrega de Almeida no dia seguinte. A cooperativa funcionou por 23 anos no ramo da construção civil, e, em 2015, encerrou suas atividades. A entrevista foi registrada em uma das casas que a cooperativa construiu no bairro Freguesia, no Rio de Janeiro.

As escolhas das cooperativas se deram por opção pessoal pela diversidade do tipo de trabalho que desenvolvem, da região onde atuação e da representação simbólica de problemas sociais contemporâneos. Por exemplo, foram escolhidas situações, como: a mulher no mercado de trabalho, com a Bordadeiras de N'atividade, o trabalhador rural marginalizado, com a Natcoop, a Coopercanol e a Coop-Proalt, e o déficit de moradias, com a Constrói Fácil. Ao todo foram gravadas cerca de duas horas de entrevistas.

Todas as imagens foram filmadas com duas câmeras DSLR Nikon: D3100 e D5100, ambas com lente 18-55mm f3.5-5.6, um tripé, e um microfone *shotgun* Rode. Durante as entrevistas, a câmera D5100 ficou no tripé, parada, com o microfone, enquanto a D3100 foi empunhada por mim. A primeira serviu para o plano médio, a segunda, para registrar detalhes do entrevistado, em um plano fechado.

A motivação para filmar com duas câmeras foi pensando na edição. A passagem de um plano para o outro, quando mudado sutilmente o ângulo do quadro, como de um plano médio para um fechado, gera menos desconforto ao espectador. Mas o fator principal dessa escolha foi dar ritmo e emoção ao filme. Segundo o editor de cinema norte-americano Walter Murch, “a descontinuidade também nos permite escolher o melhor ângulo da câmera para cada emoção e para cada momento da história, e esses planos, quando editados, provocarão

um impacto crescente” (2004, p.20). A intenção da segunda câmera, em um plano fechado, foi justamente essa: registrar as diferentes emoções durante a fala de cada entrevistado, e passar isso para o filme.

3.3 – Roteiro, Edição e Finalização

Este processo começou com a definição de separar o documentário em capítulos, visando dar a ele uma característica mais didática. Inicialmente, seria organizado em cinco partes: *nasce a Modernidade, a depredação do humano, tratado sobre a tolerância, fortalecendo laços e solidificando a cooperação*, mas as sonoras se confundiam em mais de um capítulo. Para facilitar, o documentário foi disposto, então, igual às três partes do livro *Juntos*, de Sennett: *moldando a cooperação, enfraquecendo a cooperação e fortalecendo a cooperação*. O capítulo inicial *nasce a Modernidade* foi mantido e criado um para o final: *comunidade*, que trabalha as relações sociais nas cooperativas e na sociedade.

O trabalho de decupagem do material bruto foi simultâneo à definição dos capítulos. Foram levados em conta as melhores sonoras, com os melhores enquadramentos. Nessa triagem, algumas entrevistas ficaram de fora, como a do presidente da Coopercanol. A composição de quadro ficou ruim: a porção do fundo do quadro ficou desproporcionalmente maior do que a porção do corpo do entrevistado, que ocupou um pequeno pedaço na parte inferior esquerda do quadro. Enquanto aos entrevistados escolhidos, a proporção ficou satisfatória, de acordo com a lei dos terços. Em relação às sonoras escolhidas, a prioridade foi encontrar as que refletissem o tema do capítulo escolhido e que se relacionassem uma com a outra, dando coesão à narrativa. Essa coesão quer dizer uniformidade de assunto; a concordância ou discordância de opiniões entre os entrevistados foi preservada. A última condição foi trabalhar com apenas uma pessoa de cada cooperativa, limitando, assim, o número de personagens. Assim, as sonoras de cada entrevistado não ficaram muito dispersas.

A edição se deu em duas partes: o capítulo inicial e os demais. O primeiro é constituído por um off e pedaços de sete filmes antigos, em preto e branco, para cobri-lo: *O Encouraçado Potemkin* (1925) e *A greve* (1925), de Serguei Eisenstein, *Tempos Modernos* (1936), de Charles Chaplin, *The End of St. Petersburg* (1927), de Vsevolod Pudovkin, *A Saída dos Operários da Fábrica Lumière* (1895), de Louis Lumière, *Metrópolis*, Fritz Lang, e *A saída dos operários da fábrica*, Harun Farocki. Esses filmes clássicos foram escolhidos por tratarem do tema político da relação dos trabalhadores com o ambiente de trabalho e seus

padrões. Foram levados em conta a significação de cada plano escolhido, o ritmo da trilha sonora e o assunto do off. Os cortes e a composição foram intuitivos, visando dar dramaticidade ao capítulo.

Essa ressignificação dos filmes antigos foi um processo interessante, primeiro pela ideia de aproveitar imagens que já existem, ao invés de produzir novas – nunca em outro tempo se produziu e compartilhou tanta imagem como atualmente –; segundo para evidenciar que os mesmos problemas enfrentados hoje acontecem há muito tempo; terceiro pela possibilidade de agrupar trechos de filmes feitos em épocas tão distantes e criar, assim, uma nova mensagem, totalmente (ou parcialmente) diferente da original. Essa potência de ressignificação, de criar uma nova comunicação a partir da associação de fragmentos antigos da montagem é imensurável. E nesse trabalho, a montagem serviu como ferramenta para intensificar a mensagem da relação do homem com o trabalho, mesmo que alguns filmes usados não tratem especificamente deste assunto.

Nos demais capítulos, o trabalho intelectual de elaborar o roteiro e editar os planos em cada assunto despendeu muito mais tempo do que o processo técnico de edição, de cortar e colar e ajustar o áudio. Pensar e organizar os personagens numa ordem que fizesse sentido para cada capítulo e que desse fluidez e ritmo à narrativa foi, sem dúvida, o mais trabalhoso. “O trabalho de edição não é tanto o de *colar pedaços*, mas muito mais o de *achar caminhos*, de modo que um editor gasta pouco do seu tempo cortando e colando”. (MURCH, 2004, p.15)

A concepção visual dos grafismos (abertura do filme e créditos) foi inspirada pelo conceito de mosaico, no qual várias partes pequenas, juntas, formam uma coisa maior. Uma associação com o cooperativismo. Para o título do filme, foram pesquisadas fontes no formato de mosaico e para o grafismo do crédito, a mesma ideia.

Toda essa parte já foi feita usando o *software* de edição *Adobe Premiere Pro CS6*. Os cortes foram organizados, na Linha do tempo, em cores diferentes, correspondentes a cada capítulo. Assim ficou mais fácil pensar o roteiro e editar o filme.

A trilha sonora conta com duas músicas: uma de minha autoria e outra do Arnóbio, da Constrói Fácil. Tentei dar à minha composição também o conceito de mosaico. A música começa com um dedilhado, separando bem cada nota que compõe o acorde inicial (conjunto harmônico de três ou mais notas). Daí o dedilhado vai aumentando de velocidade e as notas, antes afastadas, vão se unindo, e o acorde, então, é formado. Depois, começa uma harmonia com mais acordes. A música do Arnóbio foi escolhida por tratar, na letra, a questão do cooperativismo.

Por fim, o documentário foi assistido pelo professor orientador, que acompanhou todo o processo; os erros e as partes em excesso foram apontados e, em seguida, corrigidos. A finalização contou com edição e mixagem de som e correção de cor. Todo o processo de produção, desde a primeira pesquisa do material bibliográfico até a revisão final do documentário, durou três meses.

4. CONCLUSÃO

Depois de conviver e experimentar as potencialidades e possibilidades do cooperativismo, concluo que o movimento cooperativista no Brasil e no mundo é uma forma eficaz e saudável de trabalho e, principalmente, de vida, capaz de superar os muitos problemas atuais. A cooperação é a ferramenta; a solidariedade o caminho.

Por isso, acredito que o cooperativismo deve ser mais refletido pelos alunos e professores nas salas de aulas de escolas normais, técnicas e faculdades. Essa ferramenta tem que ser conhecida e difundida entre os trabalhadores. Acredito também ser salutar ao cooperativismo que os governos federal, estadual e municipal o promovam, seja com subsídios ou com propagandas.

Em todas as entrevistas que fiz com os associados, na última pergunta questionava-os se valia a pena participar de uma cooperativa; as respostas foram unânimes e positivas: apesar das dificuldades, era muito bom estar unido a outros trabalhadores em uma cooperativa, respondiam. Essas afirmações, vindo dos próprios associados, prova que o cooperativismo é um caminho possível, sustentável financeira e socialmente e, principalmente, bom para o trabalhador. É uma forma de motivar aqueles que, assim como eu, estão desacreditados com o mercado de trabalho a encontrarem um caminho diferente. O trabalho não deve nos fazer mal, mas sim nos satisfazer.

Essa certeza que tenho de acreditar no cooperativismo se fortaleceu ainda mais nas visitas que fiz às cooperativas. Foi gratificante me relacionar com os cooperados e vivenciar, mesmo que por instantes, suas condições de vida e trabalho. É recompensador viajar e ouvir histórias como as que ouvi mais ainda saber que agora um grande número de pessoas poderão também assisti-las no documentário.

Retornando à provocação de Sennett: “Poderia a comunidade em si mesma tornar-se uma vocação?”, acredito que sim, que é possível, sem ingenuidade. Não só possível, como defendo que a viver em comunidade faz parte da essência do homem, embora, ultimamente, esteja desaprendida.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. *Evolução do cooperativismo no Brasil*. Brasília: MAPA, 2006. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/Cooperativismo%20e%20Associativismo/Publica%C3%A7%C3%B5es%20e%20M%C3%ADdias/Evolu%C3%A7%C3%A3o%20do%20cooperativismo%20no%20Brasil%20Denacoop%20em.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2016

BURDIEU, P. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

COMOLLI, Jean-Louis. *Aqueles que filmamos*: notas sobre a mise-en-scène documentarista. In.: *Ver e Poder - A Inocência Perdida: Cinema, Televisão, Ficção, Documentário*. Minas Gerais: UFMG, 2008. cap 1, p. 52-60.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2011.

MURCH, W. *Num piscar de olhos - a edição de filmes sob a ótica de um mestre*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1513537/mod_folder/content/0/Murch,%20Walter%20-%20Num%20piscar%20de%20olhos.pdf?forcedownload=1>. Acesso em: 02 março 2016.

NICHOLS, B. *Por que as questões éticas são fundamentais para o cinema documentário?*. In.: *Introdução ao documentário*. São Paulo: Papirus, 2005. cap 1, p. 26-46.

SENNETT, R. *Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.